

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v16e22021141-150>

Recebido em 18/11/2021. Aprovado em 09/12/2021.

## UM CORPO NEGRO E UMA CABEÇA DE PORCO: (DES)ENCONTROS DE DUAS VIDAS QUE IMPORTAM UN CORPS NOIR ET UNE TÊTE DE PORC : LE DECALAGE DE DEUX VIES QUI COMPTENT

Juliana da Silveira\*

Jefferson Campos\*\*

**Resumo:** *Este artigo investiga os modos de circulação da hashtag #todasvidasimportam, a partir da análise de uma imagem que emergiu no contexto das manifestações posteriores ao assassinato do estadunidense George Floyd, na qual um homem negro protesta empunhando uma cabeça de porco. O recorte se dá pelo efeito de antagonismo que a circulação dessa imagem produz entre as lutas antirracista e antiespecista, devido à vinculação da posição antiespecista à essa hashtag, vista como argumento que responde à hashtag #vidasnegrasimportam. Problematizam-se os efeitos da visão tecnicista do social que focaliza a espetacularização das políticas da inimizade. A aposta teórica reside no diálogo ético e afetivo entre lutas sociais e epistemologias distintas, que não lê, nessa imagem, corpos e lutas em oposição, nem um corpo forte e violento que subjuga o outro, mas o encontro de dois corpos subjugados, que se erguem num gesto que reafirma sua condição de vulnerabilidade.*

**Palavras-chave:** *Vida. Antirracismo. Antiespecismo. Discurso militante. Twitter.*

**Résumé :** *Cet article examine les effets du mode de circulation de l'hashtag #todasvidasimportam, à partir de l'analyse d'une image apparue dans le contexte des manifestations après l'assassinat de l'Afro-Américain George Floyd, dans laquelle un homme noir proteste en brandissant une tête de porc. Le découpage est donné par l'effet d'antagonisme que la circulation de cette image produit entre les luttes antiracistes et antispécistes, en raison du lien de la position antispéciste à cet hashtag, vu comme un argument qui répond à l'hashtag #vidasnegrasimportam. On pose ainsi des problèmes aux effets d'une vision techniciste du social qui se concentre sur la spectacularisation de la politique de l'inimitié. Le pari théorique réside dans le dialogue éthique et affectif entre luttes sociales et épistémologiques distinctes, qui ne lit pas dans cette image des corps et des lutas en opposition, ni un corps fort et violent qui subjugué l'autre, mais la rencontre de deux corps subjugués, qui se dressent dans un geste qui réaffirme leur condition de vulnérabilité.*

**Mots-clés :** *Vie. Antiracisme. Antispécisme. Discours militant. Réseaux sociaux.*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste texto, partimos do mote de que “se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no

---

\* Doutora em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos. Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: julianasilve@gmail.com.

\*\* Doutor em Letras, Área de Concentração: Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Maringá (Uem). E-mail: jeffersongustavocampos@gmail.com

sentido pleno dessas palavras” (BUTLER, 2018, p. 13), para propormos um diálogo ético e afetivo entre lutas sociais e epistemologias distintas, de modo a assumir o desafio de tematizar alguns enquadramentos socioculturais e discursivos difusos que demarcam a relação entre as questões do racismo e do especismo, que emergiram nos espaços enunciativos informatizados (GALLO, SILVEIRA, 2017), mais especificamente no Twitter, no contexto dos protestos antirracistas que eclodiram nos EUA após o assassinato de George Floyd, em maio de 2021.

Entendemos que esse assassinato funciona como um acontecimento discursivo (FOUCAULT, 2012), na medida em que faz emergir uma rede de enunciados que corroboravam para os efeitos, já em circulação, de uma forte controvérsia entre perfis militantes de sujeitos que se posicionam como antirracistas, de um lado, e antiespecistas, de outro.

Diante deste cenário e da produtividade de uma discussão que entrelace as questões sociais e de linguagem aí imbricadas, a pergunta que nos move é a seguinte: de que modo essas lutas, ao se ligarem a hashtags específicas, puderam emergir como lutas antagônicas, uma vez que são da ordem da vida no social?

Para tanto, na primeira seção, remontamos às condições de emergência do enunciado fotográfico no entorno do qual as hashtags #todasasvidasimportam e #vidasnegrasimportam emergem como sistematizadoras de posições assumidas no Twitter a respeito do caso George Floyd e trabalhamos o funcionamento antagônico das lutas produzidas na superfície dessas discursividades. Na sequência, partimos de alguns efeitos parafrásticos na ordem do visual, para analisar os efeitos de repetição e de deslizamento de sentidos da imagem fotográfica na relação com a circulação da hashtag #todasasvidasimportam. Por fim, nos dedicamos ao que escapa às interpretações antagônicas das hashtags em análise, demonstrando que há um regime de coexistência enunciativa que trabalha na opacidade da fotografia tomada em sua performance de atualizar o momento exato em que vidas, sejam elas animal ou humana, se (des)encontram nas demandas do social.

## CONTROVÉRSIAS SOBRE UM CORPO NEGRO COM UMA CABEÇA DE PORCO

No ruído ensurdecido das disputas que (des)organizaram as diversas lutas sociais no primeiro semestre do ano de 2020, a ordem discursiva rumoral do Twitter parecia nos direcionar para disputas que tinham como centro os apelos, nem sempre convergentes, à vida e à liberdade. Entrecruzando discursos, corpos e enunciados das ruas para as telas e das telas para as ruas, vimos, nas últimas semanas do mês de maio, submergir uma controvérsia que, no Brasil, se materializou na hashtag #vidasnegrasimportam e #todasasvidasimportam, catalisadoras dos discursos em torno dos protestos americanos, sobretudo depois do brutal assassinato de George Floyd no dia 25 de maio de 2020.

Foi na leitura angustiante e dolorida daquilo que efetivamente se dizia e se fazia na circulação de dizeres e de imagens desses protestos que nos deparamos, então, com uma imagem que nos fez parar, uma imagem que exigia interpretação, uma imagem que amplificava certos antagonismos, saturando os sentidos já lá, instaurando a disputa pelos sentidos no lugar mesmo onde já os supúnhamos estabilizados.



**Figura 1 - Imagem do protesto publicada pelo perfil @veganovitor.**

Fonte: Twitter @veganovitor

Chocante em sua singularidade, em especial, pelo conjunto de signos que põe em conjunto, essa imagem não nos chega assim, sozinha, e muito menos em uma página em branco. Ela tem endereço, ela convoca interpretações, ela ressoa os rumores da rua e os rumores das redes. Ela faz parte do que temos chamado de uma ordem discursiva rumoral, própria do Twitter (SILVEIRA, 2020).

Nessa contenda, nos desafiamos a pensar como fazer trabalhar essa imagem, considerando a análise das hashtags que permitiram a sua ampla circulação, a partir do efeito de encapsulamento que elas provocam, em suas demandas de posicionamento na controvérsia pré-estabelecida pelas lutas antiracistas e antiespecistas que, no Twitter, mobilizam as hashtags #vidasnegrasimportam e #todasasvidasimportam como argumentos, o que é próprio deste espaço enunciativos informatizado. Nos interessa, portanto, mostrar a contradição desse regime de enunciação, uma vez que “[...] como sabemos, [...] nenhum discurso circula, senão sob uma relação de coexistência: os enunciados se dispersam de certo modo a ponto de sua rarefação alcançar diferentes campos de saber, diferentes espaços de circulação” (CAMPOS, 2021, p. 23).

Temos observado que um dos efeitos da normatização técnica de espaços enunciativos informatizados, como é o caso do Twitter, é fazer com que os discursos, constitutivamente contraditórios, apareçam sob a forma da controvérsia. Nesse ponto, é importante nos determos de modo mais detalhado no que estamos entendendo por esse efeito de controvérsia produzido por esse modo de funcionamento técnico e discursivo. Partimos, assim, da concordância com o que propõe Gallo:

A controvérsia [no espaço enunciativo informatizado] permite que o sujeito se constitua na diferença de um argumento, em relação a outro argumento. Assim, é permitido, e eu diria que mais que permitido, é desejável, que a polêmica se instaure, para que esse tipo de discurso se garanta: uns contra, uns a favor (uns inscritos na #foraButler, outros na #falaButler), e assim as polêmicas vão se sucedendo. Mas o discurso não é argumento. O discurso é prática. [...] Ao formular nos espaços enunciativos informatizados, há um deslocamento dos sentidos

e dos sujeitos. Esse deslocamento é também um enfraquecimento do poder. Não só enfraquecimento do poder de legitimação, mas também de ruptura. Esse enfraquecimento está relacionado a um silenciamento do político, que se dá pela via da censura ao formulável. É justamente esse silenciamento que torna possível, como forma enunciativa, apenas a controvérsia e não a contradição (2017, p. 435).

Se, no espaço enunciativo do Twitter, somos tomados a todo momento pela injunção a enunciar a partir de hashtags, sobredeterminados pela normatização técnica e pelo modo como ela produz essa homogeneidade estruturante, nos perguntamos, então, quais formulações estariam sendo apagadas por esse funcionamento técnico e discursivo. Cabe a nós, portanto, nesse gesto de leitura, descrever aquilo que nessa disputa remete ao político, restituindo o poder e a potência dos apelos à vida e à liberdade que em palavras, gestos, imagens e sons teimam em se levantar.

### QUAIS VIDAS IMPORTAM?

Primeiramente, chamamos a atenção para o encapsulamento produzido pela hashtag #todasaasvidasimportam, que se daria em torno de argumentos que, pretendendo afirmar o valor liberal de igualdade entre todos os animais humanos e não humanos, acaba por produzir efeitos que coadunam com os sentidos de que os protestos antirracistas se tornavam violentos, ao mesmo tempo em que faz recair sobre a imagem do homem negro a responsabilidade pela morte do animal.

A fotografia que lança luz sobre a cena de uma cabeça de porco empunhada por um corpo negro, ao mesmo tempo em que reafirma esse corpo racializado como um corpo violento, um corpo anormal, um corpo fora do social – efeito parafrástico recorrente na constituição das representações sobre a pessoa negra, como bem demonstrara Fanon (2020) –, choca ao expor na rua, deslocado de seu lugar naturalizado, de seu espaço na vitrine do supermercado, a cabeça do porco. O gesto fotográfico produz a performance de enunciados produzidos na conjunção entre o ato militante estabelecido na ordem do mundo concreto e aquilo que é restituído de ordens discursivas contraditórias no calor do enunciado fotográfico. Aqui, questões de ordens diversas se sobrepõem, mas poderíamos chamar a atenção para uma delas: quem pode matar esse corpo?

Em função de não estarem inseridas na dinâmica de disputas dada pelo modo de funcionamento do Twitter, imagens como essas (Figura 2) dificilmente circulam no interior dessas disputas e quando circulam produzem efeitos outros, uma vez que essas imagens são naturalizadas em uma sociedade carnista. Nos perguntamos, então, por que a imagem da cabeça de porco que o homem negro segura em protesto produz efeitos outros? Primeiramente, poderíamos dizer que é porque imagens de cabeça de porco não circulam amplamente nem mesmo se considerarmos peças publicitárias, já que essas são destinadas a um público carnista bastante restrito.

Mesmo imagens que retiram da cena o suposto responsável pela exploração animal, são imagens que circulam de maneira muito circunscrita e, ainda assim, como podemos observar no caso da Figura 3, essa imagem é limpa de resquícios de violência, não tem sangue, é uma imagem suavizada (note-se que há uma *mise en scène* para que essa cabeça/carcaça cause o mínimo de estranhamento, quase como que figurativizada). Um produto e não um animal. Como bem nos lembra Žižek:





**Figura 2 - Foto jornalística de Tom Mylan e uma cabeça de porco**

Fonte: SEGATTO e VERAS (2009)



**Figura 3 - Cabeça de porco exibida em programa culinário de televisão**

Fonte: Observatório da TV UOL.

[...] a indústria humana provoca continuamente um sofrimento imenso aos animais, o que é sistematicamente renegado – não só experimentamos em laboratório, mas dietas especiais para produzir ovos e leite (ligando e desligando luzes artificiais para encurtar o dia, usando hormônios etc.), porcos que são quase cegos e mal conseguem andar, engordados rapidamente para serem mortos, e assim por diante. Grande parte das pessoas que visitam uma granja para de comer carne de frango e, por mais que todos nós saibamos o que acontece nesses lugares, o conhecimento precisa ser neutralizado para podermos agir como se não soubéssemos (ŽIŽEK, 2013, p. 262)

O que ocorre no caso da viralização da imagem do negro que segura uma cabeça de porco é que sua circulação no Twitter, pela via das hashtags analisadas, produz uma profusão de efeitos; para a cabeça do porco ensanguentada - da qual prefere-se não tomar conhecimento, a qual não sabemos quem matou - e diferentes efeitos para o corpo negro - que é colocado no lugar do algoz do animal, que é violento porque deseja a morte do seu algoz (o policial). Esses efeitos vão se produzindo nos tuítes analisados. Ao se ligarem à hashtag #todasasvidasimportam elas acabam por focalizar a libertação animal sem considerar, na maioria das vezes, que a exploração animal implica um sistema de poder

no qual não caberia a culpabilização do indivíduo - ou pelo menos ela é pouco eficiente como prática militante - de todo modo, sua circulação sobre o mote de que “todas as vidas importam”, na rede de discursividades que se produzia no contexto de protestos antirracistas, permitiu que a imagem fosse lida como passível de chamar a atenção para a violência cometida contra a vida do animal, colocando outra vida precária como símbolo dessa violência, cometida alhures. Aí ressoa a memória do negro violento.

Tais processos de repressão e projeção permitem que o sujeito branco escape de sua historicidade de opressão e se construa como “civilizado” e “decente”, enquanto “Outras/os” raciais se tornam “incivilizada/os” (agressivos) e “selvagens” (sexualidade). O sujeito negro é percebido como um ou como outro, através das seguintes formas: ... Primitivização: O sujeito negro torna-se a personificação do incivilizado - a/o selvagem, a/o atrasada/o, a/o básica/o ou a/o natural -, aquele que está mais próximo da natureza (KILOMBA, 2019, p.79)

A formulação “todas as vidas importam”, nesse caso, está identificada com uma posição liberal que não está, necessariamente, identificada à luta antirracista. O desencontro, portanto, pode ser localizado no modo como as práticas militantes estão sobredeterminadas pelo digital, que as organiza de determinado modo. Em outras palavras, é o encontro de lutas distintas mas não antagônicas, que, no espaço enunciativo informatizado, se organiza pela lógica da construção de um inimigo sempre localizável como seu interlocutor direto.

[...] a necessidade do inimigo, ou então a pulsão do inimigo, já não é, portanto, apenas a exigência social. É o equivalente a uma necessidade quase anal de ontologia. No contexto da rivalidade mimética exacerbada pela “guerra ao terror”, dispor, preferencialmente de forma espetacular, do próprio inimigo se tornou passagem obrigatória na constituição do sujeito e em sua entrada na ordem simbólica do nosso tempo” (MBEMBE, 2020, p. 85).



**Figura 4 - Tuítes coletados entre os dias 3 e 4 de junho de 2020**

Fonte: Mecanismo de busca do Twitter

Nessa conversa em que tudo cabe e nada sobra, o que pode permanecer? O ponto onde esses discursos se encontram fica apagado pela normatização que se dá pela organização do espaço a partir da identificação de grupos sociais. Trata-se, no caso, de uma visão tecnicista modulando o social a partir da espetacularização da inimizade, da espetacularização das políticas da inimizade disfarçadas de liberdade de expressão, de espaço de exercício do contraditório. Efeitos do processo de midiaticização das práticas militantes!

Como gesto de leitura dominante no espaço enunciativo informatizado, a hashtag #todasasvidasimportam funciona como o principal argumento da posição antiespecista liberal, como podemos observar nos tuítes apresentados na figura 4, como exemplares de tuítes de funcionamento robótico, que repetem de modo mecânico o que seria a premissa desse argumento para essa posição.

Dessa repetição nos interessa sobretudo ressaltar que a insistência de efeito robótico desses enunciados não são aleatórias.

Os discursos são repetidos, ou melhor, há repetições que fazem discursos: é nesse ponto que se conectam a problemática da eficácia ideológica (“um discurso pega quando o retomamos”) e a da heterogeneidade...A ideologia política [...] divide o todo social em duas esferas (o Estado político em que vivem os cidadãos, e a sociedade civil em que vivem os homens) e apresenta o Estado político como o todo e a verdade da sociedade civil. Só há cidadãos (coleção homogênea de seres genéricos), e não proletários e burgueses, e não exploradores e explorados (indivíduos que distinguem e opõem a situação histórica). [...] É o destino do pensamento: é preciso construir máquinas de costura para descosturar as falsas totalidades (COURTINE; MARANDIN, 2016, p. 8).

Vemos, assim, que a hashtag #todasasvidasimportam funciona como uma “máquina de costura” que visa reformar o roto e esgarçado tecido social que têm sido fabricado pelas mídias digitais. Hashtags como essa, podem ser compreendidas como máquinas binárias, cujos pontos se alinham pela lógica da disjunção.



**Figura 5 - Tuítes da *timeline* resultante da busca por #todasasvidasimportam**

Fonte: Mecanismo de busca do Twitter

Pelo modo como essas paráfrases se formulam podemos compreender que respondem a algo dito antes, em e de outro lugar. Elas são responsivas a um outro enunciado que emergiu nesse espaço de enunciação, na confluência entre telas e ruas, e que afirma que #VidasNegrasImportam. A circulação e a repetição aqui importam sobremaneira, uma vez que permitem a produção de paráfrases remetendo a determinadas identificações que deslocam os sentidos do enunciado “todas as vidas importam”, direcionados para a relativização da afirmação de que “vidas negras importam”, uma vez que aquela surge antes como uma resposta a esta.

Enunciar #todasasvidasimportam retoma um discurso religioso que diz “todos os homens são iguais perante Deus”, atualizado pelo discurso liberal, sob a forma enunciativa “todos os homens são iguais perante a lei”. A posição antiespecista está aqui identificada a esses dois discursos que silenciam determinadas formas de vida, opera-se aí um duplo apagamento, o da reprodução de um discurso racista que, por sua vez, desqualifica a luta antirracista encampada por manifestantes negros, cujo efeito é o da precarização de uma vida não enquadrada como vida - isso para retomar a proposta de Butler (2020) sobre vidas que não são passíveis de luto.

## VIDAS QUE IMPORTAM

Visando um deslocamento das interpretações da primeira imagem que apresentamos até aqui, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que essa imagem é povoada por outros efeitos. Ela nos permite ver que algumas vidas não importam e que outras sequer são consideradas. Que essas vidas são (des)importantes diferentemente. Ela nos lembra, ainda, que uma e outra são, inclusive, em diferentes momentos, qualificáveis como iguais em sua não condição de vida (“tratados como animais”, “genocídio negro”, “holocausto animal” etc.) Um corpo tratado “pelo” outro, “igual”, “melhor” ou “pior” que o outro.

Se a muitos corpos vivos não se outorga a dignidade de sua própria preciosidade – a preciosidade que cada ser sentiria, segundo Costello, na carne viva – a muitos outros tampouco se permite a integridade do corpo morto. Evidentemente, nós devemos aqui pensar não apenas nos animais não humanos, já que a muitos corpos negros, a muitos corpos indigentes, a muitos corpos imigrantes, se atribui também uma animalidade permissiva de seu abandono – já em vida, muitas vezes (SATTLER, 2019, p. 24).

No gesto de segurar a cabeça do “animal” (abatido ou assassinado?) reside a radicalidade de uma denúncia que escancara as entranhas violentas de nossa sociedade capitalista. Nas interpretações espontâneas que visavam refazer o trajeto que conduziu ao instante da foto, os sujeitos relatavam a disposição de um corpo em fúria, que no gesto de violentar mercadorias para afrontar os mercados, no calor da hora, acabou tomando uma cabeça de porco por objeto/metáfora. Essa cabeça, exposta diariamente nas vitrines dos supermercados, vendida e lida como alimento, não poderia servir agora como objeto/arma metaforizando o corpo policial?



Esse processo metafórico, em sua materialidade significativa (Lagazzi, 2011) também pode ser lido como uma metáfora de corpos afetados pelo desamparo: o corpo negro, ao qual se nega a condição humana, e o corpo do animal não humano, ao qual se infringe a condição de alimento. Dois corpos erguidos porque já não sentem medo, um porque já está morto, outro porque há muito não pode viver.

Ao olharmos para essa imagem desse modo, nos perguntamos se não poderíamos interpretar esse gesto como um gesto radical em direção à emancipação dessas vidas. Um gesto que ao mesmo tempo em que denuncia a violência policial contra os corpos negros, expõe a violência do capital sobre o corpo desse animal.

Se temos, nos enunciados construídos com as hashtags, de um lado, a hashtag #todasasvidasimportam que pretende construir o sentido de igualdade para todas as vidas, produzindo uma assimetria das lutas, em uma confluência com o discurso liberal; e, de outro lado, a hashtag #vidasnegrasimportam, que pretende denunciar o ataque violento contra as vidas negras, na imagem, por sua vez, vemos trabalhar a força constitutivamente contraditória dos sujeitos e sentidos que se constituem no interior dessa disputa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa leitura, tomamos partido de uma posição que, reconhecendo essa contradição, em direção à produção de novos sujeitos, aposta na interpretação que lê nessa imagem a emancipação dos corpos, expostos em seus diferentes modos de desamparo. Uma aposta na leitura que não vê aí um corpo forte e violento que subjuga o outro, mas o encontro de dois corpos subjugados por forças que o gesto das mãos levantadas faz denunciar. “Uma autoconvocação política de produção e de ação no espaço mais imediato e específico de onde fal[amos] e no qual o [nosso] dizer se insere na ordem do discurso verdadeiro” (CAMPOS, 2021, p. 84). Afirmção do desamparo que se ergue em apelo à vida e à liberdade. Um gesto que reafirma sua condição de vulnerabilidade, que denuncia a violência a que os dois corpos estão submetidos.

Do ponto de vista epistemológico, queremos chamar a atenção aqui, norteados também pelas motivações apresentadas no início do texto, para as condições de possibilidade e entrar nessa reflexão, a partir de um posicionamento ético e teórico, dada nossa inscrição nas práticas militantes em análise, que não destitua a consequência social das lutas em questão e, ao mesmo tempo, dada a nossa inscrição na prática teórica, aventamos a possibilidade de tatear sentidos que devolvessem a essa imagem a sua opacidade, fazendo trabalhar a contradição, nas possibilidades de outras leituras enfatizando o ponto no qual essas lutas se (des)encontram.

Quais são os limites de uma análise que coloca em jogo práticas militantes em espaços enunciativos informatizados quando o que está em questão são lutas e corpos profundamente afetados em sua busca e defesa da vida e da liberdade? Essa é uma das questões que emergem nessa reflexão. Um exercício de análise que não busca respostas, imposições, ou falsas conciliações. Uma aposta no diálogo. Uma aposta em outros encontros.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos. *A emergência do intelectual específico em práticas discursivas de transgressão: relatar a si mesmo como aleturgia no documentário resgates*. 2021. 137 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/teses\\_ple.htm](http://www.ple.uem.br/teses_ple.htm). Acesso em: 14 fev. 2022.
- COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a análise de discurso? In: CONEIN, Bernard et al. *Materialidades discursivas*. Tradução de: Eni Orlandi et al. Campinas-SP: Unicamp, 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Campo Teórico).
- GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto (Org.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017. p. 171-194.
- LAGAZZI, Suzy. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. In: E. A. Rodrigues, G. L. Santos, L. C. Branco (Orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre*. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, SP: RG, 2011. p. 401-410.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019
- OBSERVATÓRIO DA TV. *Paola Carosella dispara sobre críticas à cabeça de porco: “são animais mortos”*. São Paulo, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/paola-carosella-dispara-sobre-criticas-a-cabeça-de-porco-sao-animais-mortos>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- SATTLER, Janyne. Vidas tomando corpo. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 18, 30 abr. 2019. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2179378636574>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- SEGATTO, Cristiane; VERA, Andres. *Carne vermelha faz mal à saúde?* Época. São Paulo, 28 mar. 2009. Saúde & Bem-Estar, p. 1-1. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI66052-15257,00-CARNE+VERMELHA+FAZ+MAL+A+SAUDE.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- SILVEIRA, Juliana da. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/teses\\_ple.htm](http://www.ple.uem.br/teses_ple.htm). Acesso em: 24 mar. 2016.
- SILVEIRA, Juliana da. Hashtags e trending topics: a luta pelo(s) sentido(s) nos espaços enunciativos informatizados. a luta pelo(s) sentido(s) nos espaços enunciativos informatizados. *Interletras*, Grande Dourados, v. 31, n. 8, p. 1-18, 31 abr. 2020. Acesso em: 05 maio 2020.
- TWITTER (org.). *Imagem do protesto publicada pelo perfil @veganovitor*. 28 maio 2020. Twitter: @veganovitor. Disponível em: <https://twitter.com/VeganoVitor/status/1266122017910198272>. Acesso em: 28 maio 2020.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.